

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

África Brasil

História de [Odemar Duarte Farias](#)

Autor:

Publicado em 05/02/2021

P/1 – Boa tarde, senhor Odemar.

R – Boa tarde.

P/1 – A gente gostaria, prá iniciar, que o senhor falasse o seu nome, local e data de nascimento.

R – Meu nome é Odemar Duarte Farias. Nascido em Fortaleza, nasci em Fortaleza, no dia 22 de dezembro de 1931. Aconteceu um fato importante: nós viajavamos, eu era neném, meu pai compra uma passagem num navio misto, cargueiro e passageiro, prá gente ir de Fortaleza ao Rio. Só que nessa viagem, eu fiquei doente. O navio teve problema, ficou em Recife dois dias prá conserto. De Recife ao Sul, o navio perde a rota. Nós ficamos dez dias perdidos, sem rota, sem saber prá aonde ia. Eu muito doente, minha mãe pensando que eu pudesse morrer, agoniada de eu ser sepultado no mar, né? E com aquele nervoso da minha mãe, quando chegamos a um local, já era a costa da África. Aí, os marinheiros lá sinalizaram com o navio oferecendo práctico prá ver se o navio queria aportar, mas não aceitaram, né? Meu pai também, por acaso, era marinheiro, só que nesse navio ele não estava trabalhando de marinheiro. Aí, viemos direto da África a Salvador. Em Salvador, meu pai teve que desembarcar porque eu passava muito mal, eu muito doente. Entra no navio, quando meu pai ia desembarcando, um médico negro e meu pai reconheceu que ele era médico por causa do anel. Aí, falou prá ele: “O senhor poderia examinar o meu filho porque ele não tá passando muito bem?”. Aí, o médico disse que não podia no navio, que era falta de ética, que no navio deveria ter médico, que meu pai desembarcasse em Salvador e fosse numa farmácia que tinha no Mercado Modelo, ao lado do Mercado Modelo ou no Mercado, não sei. E lá, esse médico me consultou e aconselhou o meu pai para ele desembarcar em Salvador, que ele ia ao Rio, ficar em Salvador prá me tratar. Mas não era tratar de doença nenhuma, me tratar de santo, que eu tinha um problema espiritual, que meu pai procurasse uma pessoa na Barroquinha, uma senhora na Barroquinha que fazia trabalhos assim, cuidava de candomblé, cuidava de santo. Meu pai, então, me leva lá, e eu me lembro que minha mãe contava, eu era criança, o que esta mulher pediu, entendeu? Os apetrechos que ela pediu prá fazer o trabalho prá mim foram roupas de criança. Então, hoje, pelas roupas que foram pedidas, as cores que foram usadas, depois, homem que tomei conhecimento das coisas, eu passo a tomar conhecimento, qual seria o trabalho que foi feito prá mim? O médico disse pro meu pai que o meu remédio era banho de semente de linhaça e chá de semente de linhaça, que não ia passar nenhum remédio de alopatia prá mim. E essa mulher que me cuidou na Barroquinha só passou foi banho. Só passou o banho e chá. Meu pai alugou uma casa na Conceição da Praia, alugou um quarto sobrado, viu? Tinha um sobrado ali, ficamos morando ali uns tempos. Quando foi, me parece, em 34, 33, ele vai ao Rio. Eu quando nasci em dezembro de 31, 33 ainda, no início do ano, eu ainda estava com um ano, e me leva na casa do tio (Ungunzu?). O tio (Ungunzo?) era tio da minha mãe. Ele era do Congo, entendeu? Porque a mãe dele, minha avó Sinhá, era do Congo. Quando ela veio da África, trouxe o meu tio com dez anos de idade. Esse meu tio fez um trabalho espiritual, né, ele me recolheu prá uma determinada obrigação, e eu fiquei bom completamente. Meu pai muda-se para o centro do Rio, centro que tá a cidade do Rio, foi a Campo Grande no Rio, ficou uns tempos em Vassouras, Campo Grande. Aí, eu me lembro, né? Eu cresci um menino muito peralta. Eu me lembro de tantas coisas que eu fiz que hoje são coisas importantes, e uma das coisas era essa de levantar escondido de madrugada e recolher as vacas prá tirar leite. Porque eles me davam um latão de dez litros de leite prá eu levar prá casa, entendeu? Todo dia de manhã cedo, eu ia entregar o leite na cidade. Aí, pegava o seguinte, não fazia os trabalhos da escola, os trabalhos de casa. Quando eu entregava o leite, amarrava o cavalo na chácara que era perto da escola, ia fazer os trabalhos, os deveres de casa sentado na porta da escola antes de começar as aulas. Então, ficou no costume de a minha turma, todo mundo, sentar, principalmente trabalho de Matemática, eu tinha que ensinar todo mundo. Eu era o que menos estudava e que ensinava todo mundo. Todo mundo só fazia os deveres depois que eu chegava, também se acostumaram a não fazer em casa. Aí, ficou nisso. Eu nunca tinha desconfiado que eu tinha uma certa tendência, assim, prá estar ensinando uma coisa ou outra, né? Quando eu já tinha até me, não, não tinha me casado, eu era rapazinho, 16, 17 anos, estava fazendo esse curso do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), curso de aprendizagem comercial, e a professora vai, passa um dia, a professora de Matemática, ela passa uns problemas, passa umas equações, umas coisas, e ela foi comentar em outras turmas que na minha turma tinha um professor de

Matemática e deu o meu nome, né? Então, na hora vaga que não tinha aula pros alunos, os alunos vinham à minha sala me procurar (risos), prá eu ensinar Matemática a eles, entendeu? Aí, foi acontecendo as coisas na minha vida, né? Quando eu tô fazendo o artigo 99, eu tinha pena dos jovens que vinham do interior do Estado do Rio, ficava lá. Então, tinha um menino que ele tinha feito até a quinta série, mas ele mal sabia ler. E eu comecei a ensinar ele, botei ele lá em casa todo dia, eu ensinar ele tudo, né? O programa todo, Geografia, História, tudo, Português, Matemática, tudo, e ele foi se desembaraçando. Primeira coisa que eu fiz, foi ensinar ele a ler e compreender a leitura, e isso foi acontecendo com esse menino. Aí, passei uma temporada sem o Rio, mudei para a Bahia, fiquei em temporada. No dia que eu chego lá que eu encontro ele, ele me abraçou, me levou uma garrafa de whisky, disse prá mim que era por minha causa que ele era gerente da (Hamilton?) do Brasil, que quando ele viajou de São Fidélis ao Rio, ele não tinha esperança de nada. E como ele aprendeu a ler comigo, ele teve condições de dar continuidade aos estudos dele. Então só, um dia, eu moro numa casa em frente, do outro lado da rua tinha uma casa de candomblé, que lá no Rio chamam de umbanda. O pai de santo era conhecido como Zé Pretinho da Macumba. Zé Pretinho da Macumba um dia chega prá mim assim: “Ô, ô...” Ele me chamava Odimar. “Odimar, eu te peço uma coisa: vou te pedir pelo amor de Deus, me ensine a ler. Eu não sei ler, queira que você me ensinasse a ler porque eu fico com vergonha quando minhas filhas, já estão no ginásio, me pedem pra eu explicar algumas coisas, eu não sei falar nada”. Aí, eu comecei a ensinar ele a ler. Ele falou que queria fazer um concurso prá polícia. “Eu quero ser da polícia, fazer um concurso prá polícia...” Porque ele era funcionário da Prefeitura do Rio, aquele tempo lá, era Distrito Federal, ele era funcionário e ele dizia pra mim: “Ô, recebo meu pagamento, eu desenho o meu nome que eu não sei uma letra do meu nome”. Ele entrou, talvez lá, arrumado, né? E ele vai, ensinei ele a ler, conversei com o diretor da escola Venezuela de Campo Grande, era o professor Joaquim, conversei com o professor: “Professor, tem um rapaz assim, assim”. Conte toda a história dele. “Esse rapaz precisa de um certificado do curso primário, eu alfabetizei ele, ensinei ele a ler, ensinei Matemática, ensinei tudo. Ele poderia fazer uma prova, o senhor não daria um certificado a ele de curso primário, um certificado de curso elementar, qualquer coisa?” Que existia o curso elementar. Aí, ele foi fazer a prova, tirou o certificado. Passado anos, anos, eu tô assistindo um programa de televisão, a posse do governador do Estado do Rio, foi quando deixou de ser estado da Guanabara, foi ser Estado do Rio, e o primeiro governador foi o Leonel Brizola. Na hora que Leonel Brizola estava apresentando o seu secretariado, quem era Secretário de Viação e Obras Públicas? Doutor José que era o Zezinho da Macumba, Zé da Macumba (risos). Até chorei nesse dia, entendeu? Doutor José era secretário de viagens e obras públicas no Rio de Janeiro. Passaram, né, passaram os anos, entendeu? E assim a minha vida correu, vem correndo. Eu tive negócios, passei prá trabalhar na minha profissão. Eu tive loja no Rio, eu tive fábrica de roupa no Rio, tive fábrica de roupa em São Paulo. Então, eu cheguei a ter até uma posse razoável, mas devido a minha religião também, eu resolvi me transferir para a Bahia. Por que? Quando eu fiz a preparação prá ser dessa religião, quando eu fiz em 1959, o meu vô (Dum?) deixou uma determinação prá mim, que ele não me queria morando no Rio de Janeiro, que eu me transferisse prá África ou se eu não fosse à África, que eu viesse à Bahia, que a Bahia era a continuação da África. E foi o recado que eu recebi do meu vô (Dum?), eu vim à Bahia. Aí, passaram os tempos, eu comecei estudar o idioma iorubá com um primo da minha mãe, era um livreto escrito pelo mestre Didi, Iorubá tal qual se fala, que foi publicado em 1950. Antes disso, quando era criança, eu aprendi um pouco da língua quincongo com a minha vô, em casa. Vovó sabia muita coisa da língua, lógico, a mãe dela era da África, do Congo, né? E aprendi muita coisa do quincongo, e mais tarde, eu venho a aprender o idioma iorubá, em 67. Aí, eu tomei gosto, eu tomei gosto. Uma pergunta que uma aluna uma vez me fez aqui em Cachoeira, foi em Cachoeira Odemar? Foi. A aluna me fez uma pergunta, por que eu me interessava pela cultura africana? Aí, eu expliquei prá ela: “Embora vocês, não sei se vocês tenham sentido ou tenham sido atingidos por uma discriminação”. Porque existem vários tipos de discriminação, né? Aí, logo na escola, quando eu começo a frequentar a escola em 1937, 38, começo a frequentar a escola, eu ia fazer sete anos, né, em 38, a professora mostra prá gente, eu me lembro até hoje, era uma Geografia de Gaspar de Freitas. Ela mostra como que nosso povo era formado, a nossa raça, porque naquele tempo só existia quatro raças no mundo. A gente era igual ao cachorro porque raça é cachorro, cavalo, touro. Então, nós tínhamos raça: a raça vermelha, a raça branca, a raça amarela do mundo, né, e a raça negra. Aí, ela mostra naquela Geografia de Gaspar de Freitas com um retrato de um negro, ela diz assim: “Infelizmente, nosso povo tem o sangue desse negro, dos negros que vieram da África. Quando vocês virem um negro da frente bem grande, vocês corram porque geralmente são tarados. Se nós temos tarados no Brasil (risos) - você vê o sistema de ensino no Brasil naquele tempo – se nós temos tarados no Brasil é por causa do povo negro, do povo do Congo principalmente, que os tarados vêm do Congo”. Aquilo, ela estava falando direto comigo porque vovó era negra, a minha bisavó era do Congo (risos), você entendeu? Aquilo calou em mim e me machucou. Eu era muito pequeno, cheguei em casa e perguntei ao meu pai o que é que era tarado. Meu pai não quis me explicar: “Ah, tarado é um homem maluco”. Aí, eu chorei muito, perguntei à minha mãe, aí fui perguntar a ele: “Meu pai, escuta, na nossa família tem algum tarado? Será que na nossa família tem algum tarado?” Aí, foram e me perguntaram por que é que eu estava insistindo com aquilo? Não sei, que não tinha nenhum tarado na nossa família, não tinha, e sempre eu via a minha avó como pessoa bonita. Eu comecei enxergar o negro bonito desde criança, desde que eu nasci. Não é porque eu estudei a cultura, entendeu? Aí, eu acabo me conformando e aquilo me marcou porque eu nunca mais pude endereçar os meus objetivos a não ser estudar qualquer cultura condizente com a África, né? Isso foi passando, eu venho a Salvador...

P/1 – Deixa eu só retomar uma coisa seu Odemar, o que é que o senhor sabe dos ancestrais do senhor? Da sua vô, da bisavó? Do pessoal que veio do Congo, o que é que o senhor conhece desta história?

R – Essa história da minha bisavó, não, do meu tio avô, foi que ele deu uma obrigação à minha cabeça quando eu tinha um ano de idade. E da minha vô, o que eu aprendi com ela que até hoje eu sei como é que faz, é fazer sabão da costa. Aqui na Bahia chama sabão da costa, é um sabão preto feito com folhas. Esse sabão na Nigéria ou na língua iorubana, ele chama-se (oxedudu?), que a palavra dudu quer dizer preto, e oxé, sabão. E na língua que minha avó falava era saba porque é feito de folha e folha nessa língua chama-se (unsaba?), entendeu? Então, vovó fazia saba. Eu aprendi a fazer. Isso é uma coisa que até hoje me pertence, né, são essas coisas, entendeu?

P/1 – O senhor sabe por que a sua avó veio ao Brasil, seu Odemar?

R – Minha bisavó veio ao Brasil pra poder trabalhar na abolição da escravidão. A minha avó era casada com um cidadão que, embora ele fosse do Congo, parece que ele era registrado como português. Parece que nessa época, o Congo tinha um vínculo com Portugal. Então, ela veio, eles trouxeram dinheiro, compraram uma fazenda em Vassouras, em Ferreiros, em Vassouras. Ali, ela reunia todos os negros doentes e os velhos, e dava carta de alforria a eles. Aí, é uma das histórias que eu sei de vovó, da minha vô Sinhá, que era a mãe de meu tio Custódio que eu sei que o nome dele parece que era (Ungunzi?). O nome dele latino era Custódio e Caravana, entendeu? E do irmão dele que já era brasileiro, tio Alberto

Caravana, que era irmão da minha vó mais novo. Minha bisavó queria que ele fosse católico, que ele fosse padre e colocou ele no seminário. E ele depois de ser ordenado padre, ele vai à África fazer catequese. Só que ele quando retorna da África, ele retorna como, como é que se diz? Zelador de santo, essas coisas aí. Ele nunca teve nenhuma casa de candomblé, nada disso, mas ele era da religião. Agora, desses meus parentes, teve um filho do tio Custódio, que era primo da minha mãe, o filho do tio Custódio, era tio da minha mãe, chamava Custodinho. Ele dava uma festa na casa dele todo dia de São José em homenagem ao pai dele. Eu não sei o porquê? Era uma festa, uma comemoração que eles faziam. E ele fazia no quintal uma fogueira e colocava todo o povo mais simples, os negros, tudo, prá dançarem as músicas, as coisas da África, foi onde eu assisti muito caxambu, que é uma dança religiosa, entendeu? E o Custodinho fazia em casa, dentro do salão, o baile com a sanfona, e do lado de fora, era o caxambu. Então, o caxambu consiste em uma fogueira, e as pessoas dançam ao redor da fogueira e cantam seu saudosismo, né, naturalmente. Foi quando eu ouvi muitas cantigas que eu recordo até hoje. E a gente brincava muito com minha irmã, que minha irmã chama-se Cida. E eles cantavam no caxambu prá Gongobira: “Gongobira vem ficar aqui, ô Gogobira vem ficar aqui, vem ficar comigo”. E aquela lenga lenga a noite toda, e a gente prá brincar com minha irmã, chamava: Ô Cida vem ficar aqui”. (risos) Essas coisa, sabe? E quando a gente não podia ir à casa de Custodinho ver o caxambu, a gente ficava do lado de fora de casa, da casa da gente, olhando pro céu prá ver os africanos irem à África montando no caxambu porque quando chegava altas horas, eles, então, parece que se embriagavam ou entravam em transe, era um transe, ou da bebida, ou do sobrenatural. Eles, então, iam à África buscar notícias dos parentes. E a gente queria falar com os africanos prá trazerem notícias também dos parentes da gente, né? Aí, eu era muito criança e, talvez, até não visse nada, mas meu pai fazia a gente olhar pro céu: “Tá vendo? Tá passando um?”. (risos) E a gente acabava vendo, acabava vendo, sabe? (risos) Eu me lembro de uma cantiga que eles diziam: “Já plantou café de meia, já plantou cana? Já plantei café de meia”. Por que? Na época, quando foi abolida a escravidão, o sistema de escravidão transformou-se num sistema feudal. Então, os patrões começaram a dar meia para aquele que era escravo e ter o que comer, né? Você planta feijão aqui, mas a metade é da casa, entendeu? E um trabalhava uma terça, outro trabalhava uma meia, tudo. Aí, tinha uma cantiga que eles cantavam: “Eu já plantei café de meia. Eu já plantei canavial. Café de meia não dá lucro, sinhá dona, mas canavial, cachaça dá. (risos) Ô, segura o touro, cabinda, e amarra no meu _____”. Se o touro é bravo, cabinda, joga ele no chão”. Cabinda era um povo de Angola, de Cabinda, que eles eram contratados pelos patrões para serem capitães-do-mato. Então, tinha os cabindas, principalmente os crioulos, que eram filhos dos africanos, eles eram favoráveis aos escravos. Eles eram contra os outros capitães-do-mato. Então, aquela cantiga seria uma metáfora. O touro era o valente que vinha prender eles, entendeu, era o capataz, né? Então, ele mandava: “Segura o touro cabinda e amarra no porão. Se o touro é bravo, cabinda, joga ele no chão”. Então, essa música e outras músicas, que eu sei um bocadinho de música, são as músicas que cantavam naquele tempo. Então, essas são umas das recordações que eu tenho. E mais tarde, né, eu me transporto a Salvador. Eu tive um derrame muito sério. Eu fiquei 16 dias em coma e fiquei com isquemia cerebral, esqueci até nome dos meus filhos eu não me lembrava. Durante dois anos eu não podia falar. Até esquecer mesmo, de minha filha ligar prá mim e eu pensar que era trote. Aí, o médico disse que eu tinha que ler muito prá exercitar a mente, é...como é que se diz? Ventilar a mente, era falta de oxigênio, oxigenar a mente, né? Aí, eu passando pela escola de belas artes, eu vi anúncio de um curso, eu já estava trabalhando. Eu trabalhava de estilista de moda, modelista. O curso de desenho, comunicação cênica e plástica e cênica. Eu me matriculo nesse curso, eu não aprendi a desenhar nada. Eu trabalho com desenho dos outros. Mas aprendi a fazer aquela comunicação cênica, foi bom prá mim porque eu já estava sendo professor de iorubá da Sociedade de Preservação do Idioma Iorubá no Brasil. Eu era aluno e estava fazendo estágio com um professor, o professor Baraúna. Ele sentava na minha frente e mandava eu dar aula. E ele, de vez em quando, ele gritava comigo prá eu falar alto, que ninguém ouvia o que eu falava. Então, esse curso foi bom prá eu desenvolver minha fala, falar e tudo, entendeu? Foi muito bom. E aprendi também a ensinar alguma coisa, né? Foi ótimo, e esse curso do seu Baraúna também foi um empurrão prá mim. Quando eu deixo de dar aula lá, eu passei a dar aula de iorubá na Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro. Dei aula lá na Federação durante um ano. Como eu não recebi nada, ninguém pagava nada, eu passei a dar aula na Casa do Benin, em Salvador, dei aula na Casa do Benin. Da Casa do Benin, eu fui dar aula no Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (Cdcn), Conselho de Cidadania do Negro, alguma coisa assim, entendeu, Cdcn. Aí, passei a trabalhar lá no Cdcn, nesse tempo, foi quando chegaram lá na Casa do Benin um pessoal. Uma das funcionárias me chama prá eu dar uma explicação a uma pessoa que queria saber de uma peça que estava exposta e com escrito em língua iorubá. Quando eu cheguei lá, o rapaz me perguntou: “Essa peça, o que é que é?” Eu comecei a explicar a ele tudo o que é que era, estava escrito em língua iorubá, né, pensando que ele estivesse sozinho, mas aparece uma moça e disse a ele: “Ah, professor, podia convidar ele prá fazer uma palestra”. Aí, foi que o professor se apresentou: “O meu nome é Francisco Alfredo”. Ele chama-se Francisco Alfredo de Moraes. Francisco Alfredo vai e me perguntou: “Eu sou professor da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Eu tô aqui com minha turma. Eu vim fazer uma aula técnica. Eu gostaria que o senhor fizesse uma palestra prá gente na Uneb, pode fazer?” Eu falei: “Posso”. “E o senhor assumiria um curso de iorubá lá na Uneb?” Isso em 2001. Eu falei: “Assumo, sem problemas, assumo”. Então, o trabalho todo foi quando eu fiz essa roupa.. (risos) Trabalho todo, eu vou na casa da Nigéria, converso com os africanos, fiz um bocadinho de transparência e em preparei todo prá fazer essa palestra. E ele, então, abriu a inscrição para as aulas. Quando eu termino de dar a palestra, tinha 71 pessoas inscritas, estão, na aula do idioma ioruba. Eu tive que fazer duas turmas. Aí, que foi o problema porque eu não sendo universitário, metido a professor, como que eu ia trabalhar com professores, com alunos acadêmicos dentro de uma universidade? Essa questão me forçou a estudar, me forçou a estudar, a saber das coisas, entendeu, porque tinham alunos que estavam fazendo doutorado na Universidade Federal da Bahia (Ufba) que estudavam iorubá comigo lá. Teve alunos que foram fazer a apresentação de trabalhos, de coisas que eu orientei eles, na Sourbone, Paris. Eu falei: “Não, eu tenho que estudar, não posso conviver com esse povo sem estudar”. Eu era quase leigo dessa questão, sabia a língua, mas as histórias, as histórias, entendeu? As pesquisas de professores, eu comecei a me interessar. Eu fui fazer parte do núcleo do povo dessa modernidade, que na Uneb tem esse núcleo lá em Alagoinhas. Eu fui convidado pelo professor Osmar Moreira prá eu participar desse núcleo. Entrei no seminário prá falar sobre o povo malê. Eu falei: “Mas eu não sei nada do povo” “Ah, você fala qualquer coisa, você não pode deixar de falar”. Falei: “Mas como é que eu vou falar do malê, eu não posso falar. Eu não vou enganar ninguém que eu sei uma coisa que eu não sei” “Fala que eles mal sabem ler, é malê”. (risos) Eu fui, fiz uma pesquisa rápida sobre mal, entendeu? Mas as coisas que eu sabia eram do Malé na religião. Eu não sabia do malê na política e senti até um certo medo em falar certa questão do malê. Na verdade, o malê, ele é parte do povo da subalternidade, ele fez parte. Também, porque ele era africano, mas de contrapartida eram pessoas poderosas porque ele eram islâmicos também, né? E as pessoas que passavam prá essa religião, eles tinham que aprender árabe, tinham que aprender árabe mesmo aqueles que já eram da religião da tradição africana, aprendiam árabe. E eles, então, criaram um sincretismo entre a religião islâmica e a religião que eles já cultuavam da tradição africana.

R – A religião islâmica porque o islamismo foi fundado no século VII. E Maomé, parece que ele nasceu em 1610, entendeu? E o islamismo foi fundado e apareceu lá já em meados do século. Então, o Islã, eles falam árabe porque é da Arábia Saudita, a cidade de Meca, entendeu, são lá. Por isso que os islâmicos ou os muçulmanos em qualquer parte do mundo onde é que eles estejam, eles fazem, eles seguem a regra. Eles fazem cinco orações por dia sempre virados em direção a Meca. Isso, até um dia desses, eu fiz uma palestra na Uneb, lá em Euclides da Cunha, eu estava falando sobre isso quando contestaram comigo, por que é que no candomblé faz matança de galinha, de bode, tudo? Eu falei: “Mas se essa questão de matança, isso é uma questão comercial, qualquer coisa, por que é que não proibem quando o Brasil exporta frangos para a Arábia Saudita, quando eles compram muitas toneladas?” Mas eles fazem questão, eles mandam fiscais deles, fiscais pisarem nos frigoríficos prá que aquele frango tenha que morrer com a cabeça em direção a Meca. Até hoje existe isso. Daí vem essa ligação do árabe com... Aí, acontece muita coisa, aquele sincretismo, aquele babalô que era só culto só da cultura africana, passa a cultivar a sua cultura com o islamismo, que ele tinha sido catequisado pelo islamismo. Então, ele jogava o búzio ou seria o ifã, que é o jogo, num opelê, que era aquela “táubua” de cedro, ele jogava ali. E aqueles clientes dele, os vizinhos que tinham dor de barriga, dor no coração, dor na perna, iam fazer consulta com ele. E ele já não era mais da tradição africana, ele era da cultura islâmica. Então, ele não jogava mais, mas ele colocava em cima do opelê, um pó chamado iorosun e escrevia com o dedo ou com uma pena feita de bambu, ele escrevia um versículo do Alcorão, do Alcorão. Ele escrevia um versículo do Alcorão. Depois, ele pegava umas folhas, amassava com água, despejava em cima da pedra e recolhia aquela água com folhas numa cuia, quer dizer, aí já é uma mistura de religião, e dava prá pessoa beber. A pessoa bebia a oração que estava escrita (riso) e ficava boa da dor de barriga. Esses eram os malês. Então, eles lá passaram a ter esse nome como um nome pejorativo. Esse nome é da língua fon, malê é da língua fon. E eles, então, os traficantes negros, eu não sei se ele fez isso, mas era um grande traficante, dizem até que ele era baiano, José (Féli?) de Souza, do (Daomé?), chegou a ser vice-rei do (Daomé?). Eles passavam aqueles escravos, como escravos, vendiam eles como escravos para os portugueses, ou franceses, ou ingleses, esse malê, esse mauê, por quê? Falava em português, mauê. De fato, então, o professor Osmar tinha razão (risos), eu fui saber disso depois. (risos)

TROCA DE FITA

R – Eu fiquei devendo à minha consciência. Foi aí que eu parti prá pesquisa. Foi daí que uma aluna, foi até, professora Maria José, até ela estava fazendo doutorado. Ela virou prá mim e falou assim: “Ah, tô lendo Nina Rodrigues”. Eu falei: “Ih, não gosto de Nina Rodrigues”. Eu nunca tinha lido, né? (risos) Só ouvia dizer que Nina Rodrigues foi um médico psiquiatra que foi contratado prá saber se negro tinha espírito ou não, se era gente, se tinha alma, entendeu? E aí, eu não gostava por isso. Mas eu comeci, o interesse de descobrir coisas, comeci a ler Nina Rodrigues. Eu comeci a fazer pesquisa, ler Arthur Ramos, Nina Rodrigues. Eu fiz um curso no Rio, O Mito do Negro. eu fiz na Cândido Mendes, um curso do _____, né? Antes de _____ que era do Senegal, ele já tinha morrido, lógico. Ele tem o livro, O Mito do Negro, que é editado em francês e foi traduzido pela professora Maria José, e eu fiz esse curso. Ela deu um curso na Ásia- Afro lá na Cândido Mendes. Eu passei uma temporada no Rio e fiz esse curso que me valeu muito, começou a me abrir a memória. E eu fui fazendo outros cursos, fui lendo outros livros. Comeci a ler Nei Lopes, gosto muito da leitura de Nei Lopes, é fabuloso. Até pouco tempo, eu entendia que a África existia, assim, duas línguas ou dois idiomas, várias línguas, várias falas, né, mas dois tipos de idiomas que fossem originários que seria os bantus e malês, bantus e...é, bantus e malês. Os malês seria o povo da África Ocidental, seria os... me fugiu o nome agora. Quando eu estudei, eu comeci a compreender que a África para fins de estudos, foi dividida em duas grandes partes: da linha do Equador prá baixo, seriam todos bantus, e da linha do Equador prá cima, seriam todos sudaneses. E o Sudão, isso que eu queria lembrar, o Sudão é um dos maiores países da África. Então, aquela região toda era o Sudão, eram sudaneses, a língua de origem sudanesa. Mas hoje, eu já entendo diferente. É por isso que eu tô querendo reciclar um projeto que eu tenho na universidade sobre a questão da fala, que muita coisa que eu aprendi tem que ser reciclado, entendeu? Porque eu passo a entender que no Senegal, um dos idiomas mais falados, nativo, é o wolof. E wolof é uma língua bantu, não é sudanesa. Na realidade, Senegal fica no Noroeste da África. Então, é preciso que a gente pesquise mais, procure mais. Aproveitando a deixa, aquele trabalho que eu te falei ontem a respeito de um projeto que eu tenho também sobre a cultura africana, sobre a escravidão, por que nós éramos da Guiné? Os negros chegavam aqui como peças da Guiné. Então, eu aprendi, eu vi, eu li, que aquela área do Noroeste da África, do Golfo da Guiné, do Senegal para o final do Noroeste, né, o Norte, aquela parte ali, toda ali era reconhecida como área da Guiné. Então, mesmo que nós viéssemos do Moçambique, lá do Oceano Índico, na Guiné tinha um entreposto onde eram registrados todos os escravos, tá entendendo, prá pagar tributo a Portugal. É por isso que nós vínhamos lá da África como peça da Guiné. Aí, eu fui entender porque é que o primo da minha mãe me dizia: “Ah, Odemar, você tem que dar um jeito de falar a língua da Guiné”. Porque nós somos da Guiné, todo mundo lá era da Guiné. Acabei em teimar com minha avó, se ela era do Congo, como é que era da Guiné? É uma coisa, Congo é quase no centro da África, a Guiné é na costa da África, né, Norte, Noroeste. Então, agora eu compreendi, depois que foi o que? Foi Nei Lopes, que eu estava falando, foi Nei Lopes que esteve no Senegal e ele escreve muito sobre várias línguas. O livro dele, Bantus e Malês, ele fala que línguas bantus são duas mil e 200 línguas bantus, entendeu? Inclusive, eu venho juntando, a gente quando estuda, quando pesquisa, as coisas que ouvi do professor (Félis?) sobre (Mindirê?). Ele é um professor africano, ele é da Universidade de _____, e casualmente, ele foi meu aluno um dia, depois foi meu professor, né? (risos) No dia que eu conheci (Félis?), nós estávamos no (São?), em Salvador. Aí, eu conheci, ele tinha chegado da África, e no dia seguinte, eu ia fazer um trabalho de pesquisa com uns alunos da Uneb. Aí, ele vira assim prá mim: “Eu posso ir com o senhor?” Ele não apresentou-se como professor. Ele disse que era africano só. Eu falei: “Tá, eu vou fazer um trabalho em Salvador em três casas”. Eu já tinha falado as casas que eu ia dar, _____, iria tal, casa tal, tal e tal. Aí, ele falou assim: “Aí, vou, vou, vou”. Pronto, ele foi comigo, marcamos horário, ele foi também, mas ele foi como aluno porque a maior parte de lá da Uneb, a maior parte dos meus alunos eram professores de lá mesmo. Então, eu estava fazendo um trabalho do dinamismo da religião, da cultura, o que tem passado aqui, a transformação que tem tido desde a chegada dos africanos até hoje. O que é hoje no Brasil, e o que é hoje na África. A própria língua falada, a língua que nós falamos aqui, lá que eu trabalho com ela, né, a mais forte, como ela é falada lá na África. Então, eu não posso estar ensinando a língua que é falada na África. Eu ensino a língua que é falada aqui. A língua negra falada aqui, cantada pelos africanos aqui num tempo que a língua iorubá não existia gramática, não era gramaticado. Essa língua foi coordenada por uns missionários ingleses, na época que a Nigéria foi colônia da Inglaterra, entendeu? Aí, hoje, se fala iorubá diferente do que eles deixaram aqui. Ainda mais depois que foi gramaticado, _____ aquela coordenação, aquele método de fala, tudo, né, imposição. Então, eu tento prá ouvir bem. O (Mindirê?) nesse dia até assinou a lista de presença como aluno e tudo. Depois, eu fui estudar com ele que era professor. Eu fui estudar conversação iorubá com ele, né? Aí foi que eu aprendi muito, muito, muito, muito, aprendi a ouvir o que é cantado aqui. Hoje, eu compreendo melhor, compreendo melhor. E cada cantiga cantada aqui no candomblé é uma oração. Quando se canta prá Oxum é a coisa mais linda do

mundo. Uma cantiga de Oxum que é uma oração muito bonita, quando Oxum fala que pelo Deus que ela tem, as alegrias dela são constantes. O Deus que ela possui, possuído nela. Quando ela fala: "(Oromimá, oromimaiô, oromimaiô, abaodô iê iêo?)" A palavra orô, um dos nomes de Deus, é uma religião africana há mais de dez mil anos. E mi é um pronome possessivo igual ao nosso, né, por acaso, oromi, meu Deus. Ela pode ter falado num sentido metafórico, meu Deus que está _____, né, tem Deus com ela, né? Ma é uma palavra que é cantada sempre, é falada sempre nesse idioma prá ser interpretado por coisas constantes, quando ela fala ma aiô, aiô é alegria. Então, ela tem alegrias constantes porque ela tem Deus dentro dela, entendeu? E isso é Oxum que nos ensina. Quando ele fala abaodô, abá é uma coisa muito antiga com um objetivo, e odô é o rio. Então, acontece que nessa cantiga tá dizendo que o rio tem um objetivo, correr para o mar. Ele é muito antigo, rio corre para o mar. Iê iê é uma espécie de meiguice. Oxum deixou prá gente aqui na Bahia, a gente chamar nossa mãe de mainha porque iê iê é mãe meiga. Lá é mãe, iê iê é mãe meiga, entendeu? Então, o rio tem sua meiguice, ele tem sua meiguice. Oxum canta isso porque ela é a rainha do rio. Essa é uma das cantigas que eu faço tradução e eu adoro o que ela tá dizendo, que Oxum tá falando. Aí, pronto, eu me mudo prá Cachoeira, venho morar em Cachoeira. Fui convidado prá ser griô, ser mestre griô. Aos 27 anos, eu fiz santo na Nação de (Geji?) e passo a participar dessa Nação. Embora tenha uma veia de sangue africano que seja do Congo, mas a parte espiritual é universal. Aí, eu sou da Nação do (Geji?), sou do _____, em Cachoeira, da saudosa _____, entendeu? _____ tenho com muita honra e sou muito feliz. Não tenho nada, não tenho mais, alguma coisa que eu já tive quando tinha fábrica de roupa em São Paulo. Quando eu vim à Bahia, eu era muito bem empregado, ganhava muito dinheiro, e hoje, eu não tenho nada. Hoje, eu devo prá aprender. Esse dias, eu estava até contando lá prá nossos parceiros lá que eu aprendi uma lição tão grande com uma criança de três anos. Esse menino chega prá mim e me perguntou o que era isso aqui que estava no meu colo, disse: "O que é que é isso?" Eu digo a ele: "Olha, isso aqui é um filá". Filá é um chapéu, né, é um filá. Botei na cabeça. Ele olhou prá mim, falou assim "Ah, então, vamos brincar de velho". (risos) Quer dizer, ele me disse que a velhice era uma brincadeira, a velhice era uma brincadeira. Que eu era gente tanto quanto ele, ainda estava em condições de brincar, brincar de velho, que a velhice é uma coisa, tá entendendo? Que a pessoa pode sentir porque pode brincar de ser velho. Quer dizer, prá ele, eu não sou velho, eu sou gente. Isso é uma lição que a gente aprende com criança, entendeu? Eu vivo assim, sabe, procurando aprender fazendo muita pesquisa, faço muita pesquisa. Pretendo, eu fui chamado agora prá trabalhar na Universidade do Recôncavo com o curso de iorubá e cultura africana, entendeu? Nós estamos fazendo um projeto, e eles estão em recesso, né? Vão continuar o segundo semestre agora, de setembro prá lá. E já tem um projeto meu lá, e nós vamos coordenar a matrícula, como é que vai ficar, o negócio do patrocínio, como é que _____, se vem, se não vem, como é que vai ser. (risos)

P/2 – Pequenos detalhes.

R – É, são detralhes, né?

P/1 – Voltando um pouquinho, seu Odegar. Eu queria que o senhor falasse prá gente como é que se deu o convite pro senhor se tornar um mestre, um mestre griô. Como é que aconteceu esse convite, eu queria que o senhor falasse prá gente como é que aconteceu isso.

R – Sabe o que é? Existe muita discriminação religiosa no Brasil. Principalmente, eu tenho feito um estudo geral do aspecto da nossa religião porque até a religião sendo de origem africana, não importa que eu tenha a pele clara, mas eu sou visto como coisa ruim, como Satanás. Porque quando eu chegava na Uneb lá em Alagoinhas, o pessoal: "Chegou aí, ô, chegou". Ficava todo mundo: "Chegou". Um dia, num seminário que eu levo esse professor (Mindirê?), levo o professor Ubiratan de Castro, convidei eles pro seminário, todo mundo de abadá, uma professora negra, de pele negra, talvez ela tivesse pele negra e consciência de opositora, uma professora russa falou com ela: "Você não vai pro seminário?" Ela disse: "Eu? Deus me livre. Eles estão muito bonitos, mas eu não estou aqui prá ouvir conversa de Satanás". Uma professora da universidade, entendeu, eu não sei. Então, essa discriminação não existe em Alagoinhas. Essa discriminação tá existindo na África. Eu tenho uma amiga do Rio que todo ano vai à África, ela disse que igrejas cristãs, evangélicas, estão sendo abertas em cada esquina. Aqui, eu dei aula uns tempos em São Félix na Fundação (Danema?). Um dia, eu ia atravessando a ponte, veio um grupo de protestantes, me agrediram, quase que me jogam no Paraguçu: "Sai de retro, Satanás". Assim na minha frente. Então, quando eu passo em qualquer rua de Cachoeira, muita gente vira a cara porque eu sou reconhecido como uma pessoa da religião, eu sou do candomblé do (geji?), entendeu? Então, isso daí foi válido porque um rapaz que trabalhava na Ação Griô lá em Cachoeira, Luis Antônio, não sei o sobrenome dele. Ele quem criou o terreiro cultural, que tinha um cine club, ele criou o terreiro cultural, ele me chama: "Ah, você que Odegar participar da Ação Griô?" Fez esse convite e eu aceitei porque eu já vinha ministrando aula lá na Fundação (Danema?), em São Félix. E eu gosto de ensinar, ensinar as pessoas do candomblé porque eu vejo tanta coisa se modificando, dizendo aquilo que não é, entendeu, sendo olhado de outra maneira. E eu queria que meu povo todo visse as coisas como são, que a minha religião não tem nada a ver com Satanás. Eu estava trabalhando numa escola que eu tenho um projeto de africanidade para jovens de até 16 anos. E esse projeto, eu estava desenvolvendo ele com um amigo da escola, em Cachoeira. Eu estava dando aula em uma escola, vocês me desculpem, eu não vou citar o nome da escola porque a diretora fez uma coisa comigo que eu não gostaria de ver o nome dela. Ela me chamou, depois eu soube por outras professoras que até esposa de vereador de lá, do presidente da Câmara, disse: "Ah, Fulano não vai querer mais que você dê aula lá, não vai querer mais porque não sei", Aí, quando passou, deixei passar uns dias, eu fui lá falar com ela. "Não Odegar, não vai ter mais a tua aula porque eu recebi ordens da Secretaria de Educação prá não aceitar amigo da escola que não fosse funcionário público". Eu acho que isso não existe. Eu acho que isso foi uma maneira dela descartar. Eu peguei também _____. Por que? No encerramento das aulas, parece que aconteceu alguma coisa que nós, a nossa natureza, eu creio que eu sou mestre griô desde que nasci. E aí, é a nossa natureza de fazer amor, entendeu? Então, quando foi no encerramento das aulas nessa escola, eu levei presente prá todos os meus alunos, cópia de livros, livros de história, eu trabalho com histórias e lendo as histórias africanas, entendeu? Eu faço glossário daquela língua, daquelas personagens, histórias, lendas contadas em português, né, mas com personagens africanos. Então, eu faço um glossário. E parece que isso repercutiu na escola no dia do encerramento, na hora que tocou prá eu chamar meus alunos que eu entrego um presente prá cada um, uma lembrança prá cada um. Aí, daí prá lá, quando recomeçou as aulas, eu não pude mais porque eu teria que ser funcionário público. Foi o que a escola estadual passou prá mim. E Luis Antônio me fez o convite prá eu participar da Ação Griô. E estou à disposição do trabalho. Eu estava até falando prá ela hoje onde mora (Peiua?), onde mora (Peiua?), também mora (Obrilô?). (Peiua?) é a pessoa que tem dignidade no caráter, e (Obrilô?) é uma mulher rica, e (Obrijá?) que é uma mulher guerreira, que briga, briguenta, né, brigona. Então, elas foram visitar (Orumilá?), que (Orumilá?) vivia sozinho. Essas três mulheres foram visitar ele, ofereceu uma delas pra viver com (Orumilá?). (Orumilá?), então, ficou com (Peiua?), que (Peiua?) é pessoa que tem dignidade em sua personificação, é uma pessoa digna, né? Aí, pronto, as outras saíram brigando, saíram brigando e brigaram muito. Quando

voltaram, foram perguntar a (Orumilá?) por que é que ele não quis nenhuma delas. Uma era rica, e a outra não era rica, mas ia brigar por ele. Aí, ele foi e disse assim: “Olha, então, se vocês estão brigando, prá acabar com a briga de vocês, fiquem aqui também que onde mora a dignidade, mora a riqueza. Onde mora a riqueza, também existe a violência (risos). É um exemplo prá gente, que nós temos que conviver com todo mundo (risos), tenha dignidade ou não, entendeu? Uma das coisas da religião que eu fiz tradução e que eu gosto até hoje que eu não deixo de ensinar quando vou ensinar em terreiro, essas coisas assim, às vezes, eu vou ensinar. Também, não faço questão de ganhar nada não, vou por hobby, tenho mania de ensinar prá acabar com uma questão que existe no Brasil que o povo olha os homens do candomblé todos como pederastas, seja o homem que for. Para o leigo, eles estão olhando lá no candomblé um homem que dança de saia, é isso, aquilo, fazem _____. Porque o povo do candomblé por não aprenderem as suas línguas, acabam entendendo principalmente homossexuais. Eles acabam entendendo que são esposas dos santos devido a palavra iaô, que na realidade, a palavra iaô quer dizer esposa. Mas os africanos aqui não fizeram nenhum ato de homossexualidade e nem ensinou que nenhum homossexual seria esposa do santo, ninguém seria a esposa do santo. Ele ensinou que a pessoa prá fazer o santo, prá prepara-se para o Orixá, ele tinha que ter (ia adiaúô?), auô quer dizer segredo. Tinha que ser uma pessoa digna de guardar segredo, (ia auô?). Então, só as pessoas (ia auô?) é que eram preparadas para a religião, não o (iaô?) como é falado hoje, que a palavra (iaô?) quer dizer esposa. Na realidade, não existe isso, o que o africano fez foi o (ia auô?), são dignidade e segredo, é por isso. Agora, tô às ordens de vocês, fala alguma coisa aí.

P/1 – (risos) Eu queria que o senhor falasse um pouquinho da importância de deter esse tipo de conhecimento e ser considerado um mestre griô, pro senhor.

R – Ah, a importância é muito grande porque esta questão de eu ser um mestre griô, essa importância de estar falando muito a minha consciência, tá pagando um pouquinho daquilo que eu sempre objectivei. Basta vocês sentirem na minha fala que desde criança, eu nasci para ensinar, prá aprender e ensinar, e nunca tive uma oportunidade antes dessa que tô tendo agora. Prá eu ensinar, primeiro: tem que ter os papéis, né? Hoje, eu tenho mais de dez ou 20 certificados lá que me dão aí. Mas eu nunca tive oportunidade de fazer universidade. Eu nunca tive oportunidade de arranjar um emprego ou condições de estudar, de seguir um currículo correto, certo. Vocês notam que eu venho aprendendo com a vida, aprendendo com a vida. Aprendo um pouco aqui, daqui há dez anos, aprendo um pouco ali, e eu somo com tudo aquilo que eu aprendi de um modo geral e procuro passar prá alguém. Então, hoje, quando nós nos reunimos, eu senti que eu tenho o sangue indígena, que a minha avó paterna é da tribo tabajara, era uma mulher tapuia da Serra de Ibiapaba, no Ceará. Então, minha vó paterna é índia. Minha avó materna é filha de uma africana casada com um português. Então, eu tenho o sangue africano, o sangue do índio e o sangue do português, e nome. Tem até um senhor lá em Cachoeira que ele é Duarte, ele diz que eu sou primo dele, ele é Duarte, ele é português, que eu sou da família Duarte. Eu fale: “Não, sou parente de Duarte da Costa, não sou, Duarte da Costa _____”. (risos) Você entendeu? Então, essa coisa está me valorizando, me fazendo cada vez mais ter o direito de ser brasileiro. Eu poder ver o meu sangue cantando em línguas diferentes, tupi-guarani, em línguas africanas, em língua portuguesa, aculturando pelo um brasileiro muito bonito, entendeu? Então, isso tudo me empolga e me traz um certo orgulho. Espero que antes de eu ir à outra vida, deixar alguma coisa que eu, inclusive, tem alguma coisa que eu tô preparando, eu conheci a nossa irmã Li ontem, mas ela já me convidou prá gente fazer um trabalho, em Recife, a respeito desse trabalho que eu tenho escrito. Eu tenho dois trabalhos que são de grande importância, seria para a Ação Griô, mas a Ação Griô, não precisa a gente ser vinculado em qualquer entidade, basta que a gente aja, basta que a gente aja, cada um procure o seu jeito. Como dizia a minha avó: “Cada corcunda tem seu jeito de deitar”. (risos) A gente tem que procurar o jeito da gente, entendeu? Então, é isso.

P/2 – Eu vou pedir pro senhor falar a história dessa roupa do senhor.

R – Da roupa?

P/2 – Da roupa que o senhor tá vestindo.

R – Ah, sim. Essa roupa aqui, por acaso, eu tô me esquecendo o nome do africano que usava a roupa idêntica, uma roupa idêntica, sabe? Quando eu fui convidado pelo professor Francisco Alfredo prá fazer a palestra na Uneb, então, eu achei que seria importante levar, mostrar algo de importante. Francisco Alfredo é um professor de História e ele trabalha com a cultura indígena, entendeu? Então, alguma coisa do africanismo que ele sabe e de indígena, ele preparou o auditório da Uneb lá em Alagoinhas, todo. Aí, eu preparei também alguma coisa prá levar da parte africana, né? E fui à casa da Nigéria, em Salvador, e na época o presidente da casa era o professor Acani, ele é do estado de Ogum, na Nigéria. Conversei com Acani. Acani, então, me forneceu uma revista onde tinham muitas coisas importantes da Nigéria, inclusive, o presidente da república da Nigéria que agora, eu me esqueço o nome dele, que é um nome difícil, né? Então, eu fiz uma transparência, fiz não uma, eu fiz várias transparências de várias figuras publicadas em livros, nas revistas, eu levo. Lá na escola, na hora de apresentar a palestra, eu apresento as transparências e pedi ao professor Acani prá ele comentar, fazer um comentário porque sendo africano, era melhor ele fazer o comentário a mim. Quando passa a transparência com um negão vestido com essa roupa, aí, Acani falou assim: “Aqui é o presidente da república da Nigéria, e o professor aqui fez uma roupa igual a essa. (risos) A diferença é que ele é baixo e mais claro”. Pois o africano é um homenzarrão, negão, né, com essa roupa. (risos). Eu fiz uma roupa igual (risos) porque eu sou estilista de moda, entendeu? Eu sou estilista, eu sou modelista. Na época, eu ainda fazia alguma roupa, alguma coisa. Aí, eu não sabia com que roupa eu iria à essa palestra, peguei: “Pronto, uma roupa igual a essa aqui”. Aí, eu corte a revista (risos). Foi apresentada na Uneb em 2001. Eu trabalhei na Uneb direto, quatro anos. A reitora agora, depois que eu sai, entrou o professor Valentin, foi essa Arlete, Arlete que era a reitora, inclusive, ela é até protestante. Ela é negra, é protestante, mas essa coisa não tem importância, né?

P/2 – Deixa eu perguntar uma coisa pro senhor. Dessa época que o senhor começou seus estudos e aquela digressão com Nina Rodrigues e hoje com a história dos indígenas, dos afro-descendentes fazendo parte dos currículos nacionais, dos parâmetros curriculares. O que é que o senhor acha que tem que ser privilegiado na história dos afro-descendentes, o que deve ser contado?

R – Olha, quando eu li Nina Rodrigues, eu li vários trabalhos dele como, Os africanos no Brasil, O Fetiche no Brasil, li vários livros dele. Porque

eu li prá ver o que é que ele falava, quando Maria José chega prá mim e diz: “Ó professor, eu tô lendo Nina Rodrigues e tô tendo muito sucesso. Aí, eu falei: “Não, não gosto de Nina Rodrigues”. Mas aí, eu fui ler, eu adquiri o livro e fui ler Nina Rodrigues. Eu, então, acho uma coisa muito importante que Nina Rodrigues fez, apesar dele ter inventado a mulata, entendeu? (risos) Ele foi ótimo porque ele publica no livro dele, na abertura do livro dele, tem uma publicação que é de Silvio Romero que fala sobre a responsabilidade da ciência brasileira com os negros. Enquanto que no Brasil, nós temos a cultura africana na mesa, nas roupas, nas matas, em todo lado, na América do Norte e na Espanha, na Europa, de um modo geral, os cientistas estudaram as línguas. Então, o alemão, parece que é Verne, ele esteve dez anos nas selvas e embrenhava-se nas selvas da África estudando línguas e registrando línguas, e que a ciência brasileira não fazia isso. Então, tem umas páginas de Nina Rodrigues que ele publica vários glossários de línguas. Ele publica seis línguas colhidas aqui de africanos que ele conheceu. Então, daí prá cá, eu passei a valorizar Nina Rodrigues porque eu vi o positivo que ele fez. Se ele fez aquela questão dele examinar o negro, prever o cérebro do negro prá ver se o negro tinha alma ou não. Então, isso era uma questão que ele era um funcionário do governo. Ele estava fazendo isso porque ele foi contratado prá fazer isso, mas que na realidade, ele está de acordo que se estude. Vamos dizer assim, uma integração que se faça. Isso que se faz hoje, já foi pedido por ele, já foi pedido por Silvio Romero, já foi pedido por Gilberto Freire, já foi pedido por vários autores, Arthur Ramos, tudo. Então, eu acho que hoje, essa Ação Griô, eu não vou brincar, dizer que ela veio muito tarde, mas isso sempre foi muito necessário. Eu acho um grande trabalho, um grande trabalho, uma grande coisa. O africano ensina mais é o amor. Você sabe que o ensino oral traz uma certa tranquilidade, é diferente do ensino na escola. O oral que eu estava fazendo lá na escola de Cachoeira com o meu projeto ensinando histórias, lendo as histórias para os alunos. Então, eu não dava aula em sala de aula formal, eu colocava as esteiras no chão, os alunos sentavam, eu sentava num banquinho e contava as histórias prá eles. Então, ali, aquela juventude, aquelas crianças, todas passam a amar, descobrem o amor, descobrem sentimento de união. O que a Ação Griô tá fazendo hoje é isso, a gente descobrir como nós somos importante uns para os outros. Então, essa Ação Griô vem me resgatar de um mundo que eu venho perdido até hoje.

P/1 – A gente queria agradecer a sua participação em nome do Museu da Pessoa, da Ação Griô, e foi muito importante o seu depoimento prá gente.

R – Ah, eu fico muito agradecido a vocês porque assim também seja alguma coisa que fique registrado para o nosso futuro, o futuro de filhos, de netos, de bisnetos para saberem alguma coisa do Brasil, como o Brasil começou e como ele está agindo, a reação que está tendo, né, isso é muito importante.

P/2 – Obrigada.

R – Nada, de nada.